

NARRATIVAS LITERÁRIAS TRANSATLÂNTICAS: AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NAS OBRAS DE MARIA FIRMINA DOS REIS E CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Lívia Cruz Pedro (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Josiane Silva de Oliveira (Orientadora), e-mail: jsolilveira3@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Sociais Aplicadas/Maringá, PR.

Área: 6.02.00.00-6 Administração

Subárea: 6.02.03.00-5 Administração de Setores Específico

Palavras-chave: Mulheres negras, Obras literárias, Feminismo negro

Resumo:

O objetivo deste projeto de pesquisa foi compreender como as mulheres negras são representadas nas obras literárias de Maria Firmina dos Reis e Chimamanda Ngozi Adichie, posto que ainda se faz necessário entender como esse grupo produz narrativas sobre si mesmo e tendo como pressuposto teórico os conceitos de autodefinição e autoavaliação, de Patrícia Hill Collins (2016). A escolha dessas duas autoras ocorreu pela possibilidade de articularmos como se configura narrativas transatlânticas sobre as mulheres negras. A realização do trabalho se deu por meio de uma pesquisa documental, tendo as obras literárias *A escrava* (1887), *Americanah* (2014) e *Hibisco Roxo* (2011) como objetos de estudo. A análise interpretativa dos resultados da pesquisa apontou que nas três narrativas a matriz de violência é a mesma: a colonização. Porém, à medida que ocorre uma sofisticação das práticas de dominação e violência, as formas de resistência também se modificam, com a finalidade única de autoavaliação dessas mulheres negras para que elas possam transgredir essa realidade de controle, uma das características dos modos de organização do trabalho em nossa sociedade.

Introdução

A literatura traz contribuições para o feminismo negro e para compreender as dinâmicas organizacionais. Posto isso, o estudo objetivou compreender como as mulheres negras são representadas no conto *A escrava* (1887) e nos romances *Americanah* (2014) e *Hibisco Roxo* (2011). Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos entender quem eram aquelas protagonistas, a objetificação pela qual elas passaram, onde elas encontram voz ao longo da narrativa, e por fim, quais os elementos de autoavaliação (Collins, 2016) utilizados por elas.

Diante da opressão que atinge a população negra de diversas maneiras, as autoras apresentam estratégias de rompimento com esse sistema que engendra para o sofrimento desse grupo. Em cada obra literária observamos formas diferentes

de enfrentamento, porém as três lutam pela integridade da mulher negra, que foi e continua sendo atacada.

A pesquisa documental foi realizada a partir das análises interpretativas das obras *A escrava* (1887), de Maria Firmina dos Reis e os romances *Americanah* (2014) e *Hibisco Roxo* (2011), de Chimamanda Ngozi Adichie. A escolha destas obras ocorreu pela possibilidade de analisarmos a produção de narrativas transatlânticas sobre as mulheres negras em diferentes contextos espaço-temporais.

Nesse sentido, os principais resultados da pesquisa indicam que as narrativas literárias transatlânticas se entrecruzam em dois pontos, tendo o colonialismo como base da construção das narrativas analisadas: o da violência, e o da resistência. E, mesmo na ficção, podemos observar problemáticas as quais acontecem na realidade com as mulheres negras contemporaneamente. Além disso, considerando o colonialismo como base de organização dos modos de produção em nossa sociedade, esse estudo contribui com a área da Administração ao destacar como mulheres negras vem resistindo historicamente a colonização.

Materiais e Métodos

O trabalho é de natureza qualitativa, sendo realizado mediante a pesquisa documental. O corpus de análise é composto pelo conto *A escrava* (1887), de Maria Firmina dos Reis e os romances *Americanah* (2014) e *Hibisco Roxo* (2011), de Chimamanda Ngozi Adichie. A técnica de análise utilizada foi a interpretativa pela qual foi possível identificar a colonização como um dos fundamentos de exploração e de violência contra as mulheres negras tanto no Brasil como em África, tanto no período de escravização negra brasileira, como em países africanos. Também foi possível identificar outras duas categorias de análises resultantes da pesquisa: violência contra as mulheres negras e resistência das mulheres negras.

Então, em cada obra inicialmente observamos quem eram aquelas mulheres, a característica de cada protagonista e suas distinções, em seguida, focamos na objetificação pela qual elas passaram, a título de exemplo, a personagem Joana era tida como não pessoa, apenas um instrumento de trabalho para o escravocrata, e assim foi analisado nas outras obras. Adiante, diferenciamos onde elas encontraram voz ao longo da narrativa, Ifemelu encontrou voz em seu blog, onde dissertava sobre a sua realidade e questões da sociedade estadunidense. Por fim, buscamos os elementos de autodefinição encontrados por cada protagonista a fim de resistirem à opressão que viviam.

Deste modo, a partir destas três categorias teóricas identificadas de forma indutiva com a pesquisa, foi possível compreender, a partir das narrativas literárias, como as mulheres negras resistem frente à colonização transatlântica, visto que tanto a colonização quanto a violência colonial são elementos de estruturação de nossos modos de organização contemporâneo, especialmente nas relações de trabalho.

Resultados e Discussão

As três obras mostram que o projeto colonial é, de fato, um projeto de morte do colonizado. Porém, mesmo que já passado o período de escravização, o legado dela se perpetua, e com isso, a violência se fortificou, para que ela pudesse se manter. Com isso, podemos observar que as protagonistas lutam contra isso.

Joana desafia o sistema fugindo, aprendendo a ler e amaldiçoando o escravocrata. Ela faz o caminho contrário daquilo que lhe era imposto na época. Assim também realiza Ifemelu, que em seu blog passa a escrever, fazendo críticas e reflexões que continuam sendo relevantes, dentre eles os estereótipos carregados pela mulher negras, as imagens de controle associadas a esses corpos, como exemplo a da *mammy* ou da *jezebel*, conforme Collins (2016), e nesse sentido Adichie nega esses estereótipos no decorrer da história.

Já Kambili, por ser uma personagem muito quieta, o leitor tem acesso ao seu pensamento. Assim, o pensar, refletir se configura como uma forma de resistência. Ademais, ela tem contato com uma tia que muda totalmente a perspectiva de mundo dessa protagonista, que por muito tempo esteve adoecida psicologicamente, e por vezes, fisicamente, em razão dos castigos recebidos pelo pai. Em suma, a resistência atravessa todas as narrativas. Resistência frente ao legado deixado pela colonização.

Sendo assim, a partir das categorias analíticas colonização, violência e resistência foi possível observar o protagonismo literário das mulheres negras tanto na produção das obras como na forma de produção de suas literaturas como forma de produzir outras histórias e memórias que não somente dos colonizadores. Considerando este como fenômeno de constituição de nossa sociedade e, conseqüentemente, de nossas relações de trabalho, as análises das obras literárias possibilitou destacar como mulheres negras tem se organizado contra mecanismos de violência e de opressão colonial.

Conclusões

Conclui-se que as personagens, ainda que fictícias, enfrentam a objetificação, e para além, se autoavaliam, conforme proposto por Collins (2016), com a finalidade de resistir e transgredir a realidade que a elas são impostas. E, isso pode auxiliar na compreensão das organizações, dado que àquilo que se passa na fantasia, tange as mulheres negras que estão fora dela.

Além disso, o estudo destacou a necessidade de as mulheres negras serem reconhecidas como produtoras de conhecimento em nossa sociedade. Historicamente, não somente a produção literária, como em diferentes campos do conhecimento, as narrativas sobre as populações negras, sobretudo de mulheres negras, não são produzidas por essa população, mas, enfaticamente, por pessoas brancas e, especialmente, por homens brancos. Com efeito, os elementos de autodefinição e de autoavaliação de constituição desta população são pautados a partir de uma dinâmica colonial, o que tem resultando no entendimento das mulheres negras como objeto de estudo e não como produtoras de estudos. Um dos efeitos deste processo tem sido a dificuldade de entendimento sobre as estratégias de resistência e de organização das mulheres negras para combates o colonialismo e a violência colonial.

Os resultados da pesquisa indicaram que desde o período da escravização negras no Brasil, assim como na Nigéria contemporânea, as narrativas literárias transatlânticas nos informam que mulheres negras sempre se organizaram, e se organizam, como as práticas de violência de gênero, sendo a literatura um dos principais campos para a compreensão dessa dinâmica.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Josiane Oliveira e ao CNPq pelo apoio financeiro e ao programa de iniciação científica da UEM.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Trad. Julia Romeu. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Trad. Julia Romeu. - São Paulo: Companhia das Letras.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Soc. estado.**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

REIS, Maria Firmina dos. **A escrava**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Galuba, 2020. 48 p. Disponível em: file:///C:/Users/Thiago%20Matheus/Desktop/L%C3%ADvia/a-escrava-maria-firmina-dos-reis.pdf.